

## LÍNGUA E CULTURA\*

Kurt Baldinger

Homenagem a Heinrich Kuen em seu 65.o aniversário (2 de agosto de 1964)

Um filólogo é “um homem que se ocupa com tôda espécie de ciências sem aprofundar nenhuma”. Pelo menos, esta é a opinião dos veneráveis padres de Trévoux em seu dicionário francês de 1752. E para a famosa enciclopédia de Diderot, a filologia é “uma espécie de ciência que se compõe de gramática, poética, antigüidade, história, filosofia, às vêzes inclusive matemáticas, medicina e jurisprudência, e que não investiga a fundo êstes campos, nem em particular nem em seu conjunto, mas toca ligeiramente a todos, ou em parte”. Estas definições do “Século das Luzes” mal poderiam entusiasmar um filólogo moderno. Nós, os filólogos, não queremos ser cientistas que sabem algo de muitos campos mas que não sabem muito de nenhum. E entretanto o filólogo, por mais que isto possa, à primeira vista, parecer estranho, vê-se hoje na necessidade de ocupar-se com muitos campos em que não é especialista, porque a língua o leva a todos os campos em que não é especialista, porque a língua o leva a todos os campos do ser e do espírito humano. E isto, precisamente, quando quer ver a língua em relação com o homem, e não como fim independente, como categoria não relacionada com o homem. Dito de outra maneira: quando vê a história da língua como parte da história da cultura. E só então — é êste um critério pessoal — parece-me a filologia uma ciência viva. “Aprofundar o conhecimento do homem é o objetivo último da lingüística”, escreveu há pouco meu colega de Erlangen, Heinrich Kuen (1). A lingüística está hoje, novamente, a caminho, na direção dêsse objeti-

---

(\*) Trad. por Enzo Del Carratore

(1) Heinrich Kuen — “Die Sprachgeographie als Wissenschaft vom Menschen. in *Zeitschrift für Mundartforschung* 29 (1962), Franz Steiner Verlag, Wiesbaden, págs. 193-215 (citação da pág. 215)

vo, depois de um rodeio muito amplo, mas muito útil. Este rodeio levou através do Romantismo, embora, ao dizer isto, veja que preciso corrigir-me. Justamente o Romantismo, creio, sobretudo em Guilherme de Humboldt, queria ver a língua como expressão do espírito humano, compreendê-la como imagem característica de um povo, e quando entendemos a história da língua como história da cultura, estamos pisando terreno romântico. Mas o Romantismo reconheceu também a necessidade de arrancar a filologia de sua construção especulativa. Condição prévia para qualquer realização posterior era a criação de uma metodologia, isto é, de uma metodologia para a crítica textual e para a filologia comparada. Em primeiro lugar era necessário descobrir o regular na evolução lingüística histórica comparada, o estudo do indo-europeu — citarei também seu fundo histórico-lingüístico. Iniciou-se a lingüística histórica comparada, o estudo do indoeuropeu — citarei somente o nome de Franz Bopp — e, como consequência necessária, as filologias particulares, a germanística, a romanística, a anglística, etc. Só o método desenvolvido por estas filologias pôde demonstrar que o fr. *fard*, “carmim”, não pode derivar do lat. *fucus* “corante vermelho, púrpura, carmim”, como Ménage, o primeiro grande etimólogo francês, havia postulado em seu dicionário etimológico de 1694. Vale a pena reler a argumentação de Ménage:

“Le Père Labbe (trata-se de Felipe Labbe, o Jesuíta que em 1661 havia publicado um escrito contra os Jansenistas de Port Royal), à la page 231 de la 1 re partie de ses Etymologies le dérive de *fuco ardens*; qui est une etymologie indigne d'un si savant homme: car le père Labbe étoit un homme savant. *Fard* a été fait de *fucus*, en cette manière: *Fucus*, *fucardus*, *fuardus*, *fardus*, *fard*. M. de Caseneuve le dérive de l'Alleman *farb*, qui signifie couleur... Je persévère dans mon origine. *Fard* a été formé de *fuardus*, comme *mourre* (espèce de jôgo), de *micatura*. *Micatura*, *miaurra*, *miurra*, *murra*, *mourre*’.

A derivação etimológica estabelecida por Ménage: *fucus*, *fucardus*, *fardus*. *fard*, lembra suspeitamente a conhecida brincadeira etimológica entre os estudantes alemães, que faz derivar o al. *Fuchs* do lat. *alopex* (peixe de mar): *alopex-lopex-pex-pix-pax-pux-fuchs*. Com as palavras de Ménage poderíamos dizer sobre Ménage: tal etimologia é indigna de tão grande

sábio (2). Não devemos esquecer, porém, que Ménage não tinha ainda nem sequer idéia de uma evolução conforme as leis fonéticas. Ménage operava, com relação à evolução fonética, com quatro causas, a que chama as “quatro fontes de corrupção”: troca, acréscimo, truncamento e transposição de letras. Compreende-se que com êstes princípios podia-se derivar qualquer palavra de qualquer outra (3). Por outro lado, Caseneuve, a quem êle critica, e que põe *fard* em relação com o al. *Farbe*, encontrava-se muito mais próximo da verdade. De fato *fard* deriva muito provavelmente de um germânico \**farwidon* “tingir” (FEW 3, 423; 4 Blwtbg (5).

O fato de que a língua reflete a história dos povos, isto é, a relação entre a história da língua e a história da cultura, já se reconheceu então. Assim, no prólogo ao dicionário de Ménage lê-se: (Ed. 1750):

“Le sort das langues a beaucoup de rapport à calui des empires; elles ont leurs périodes, leurs révolutions, leur splendeur et leur décadence. Un esprit philosophe aémêle aisément les liaisons étroites qui unissent ces choses entr’elles: il voit combien un aê.uge de barbarie, ou quelque inondation de raux

---

(2) Outros exemplos ilustrativos de Ménage:

*mégissier*: *mergo* > *mergus* > *mergicius* > *mergiciarius* > *megissier* (Mén. 1694; na realidade do lat. *medicari*);

*perruque*: *pillus* “pêlo” > *pelus* > *pelutus* > *peluticus* > *pelutica* > *perutica* > *peruca* > *perruque* (Mén. 1694; na realidade do ti. *parrucca*, *perrucca*, de origem desconhecida);

*grève*: lat. *ripa* > *repa* > *reva* > *grêve* (Le Duchat em Mén. 1750; na realidade prerromano *grava*);

*ratine* “espécie de tela”: *florentina* > *rentina* > *ratine* (Le Duchat em Mén. 1750; origem ainda obscura);

*ribaud*: *ripalis* (como a margem era escorregadia, transferiu-se o sentido ao escorregadio no campo moral, Mén. 1694; na realidade germânico);

*orgueil*: *orbiculosus* (porque o peru faz a roda com orgulho, Le Duchat em Mén. 1750; na realidade do germânico);

*lourdaut*: a derivação do ingl. *Lord* (!) é repelida por Ménage.

(3) Muito engraçada também sua etimologia do francês *laquai* “lacaio”: segundo Ménage provém do latim *vernus* (*vernus*, *vernulus*, *vernulacus*, *vernulacius*, *lacalus*; e Ménage termina suas reflexões dizendo que *lacaius* deu *laquai* como *maius* deu *mai*). Ainda hoje *laquai* é de origem desconhecida (BlWtbg; foi abandonada a origem árabe defendida ainda na terceira edição.

(4) Walther von Wartburg — *Französisches Etymologisches Wörterbuch*, Eine Darstellung des galloromanischen Sprachschatzes, 1928 ss. (inda em curso de publicação; terá 24 volumes).

(5) O. Bloch e W. von Wartburg — *Dictionnaire Etymologique de la langue française*, 3.a ed., Paris, 1960 (= BlWbg); 4.a ed., Paris, 1964 (⊕ BlWtbg).

bel-esprit, peuvent arrêter les progrès des langues, et même les faire al'ér en rétrogradant; combien au contraire la jenuesse de l'esprit, la politesse des moeurs, la connoissance solide des Science et des Beaux-Arts, inf'uent sur la perfection du langage. Généralement il est vrai de dire, qu'on parle comme on pense... (p. III).

"A sorte das línguas tem muita relação com a dos impérios; têm seus períodos, suas revoluções, seu esplendor e sua decadência. Um espírito filosófico desembaraça facilmente os estreitos laços que unem estas coisas entre si: vê como um dilúvio de barbárie ou a'guma inundação de falso bel-esprit podem deter o progresso das línguas, e até fazê-las retroceder; de outro lado, vê quanto a precisão do espírito, a delicadeza dos costumes, o conhecimento sólido das ciências e das Belas Artes, inf'uem sobre a perfeição da linguagem. Geralmente é acertado dizer que se fala como se pensa....".

Tais critérios, difundidos durante o Iluminismo — encontram-se, por exemplo, também em Rivarol —, são introduzidos, dentro do período romântico, especialmente por Guilherme de Humboldt, dentro de um sistema de filosofia da linguagem. E a êle se referem ainda hoje justamente aqueles linguístas que vêem na relação de história da língua e história da cultura seu objetivo mais elevado. No século XIX, todavia, podem observar-se somente os começos da realização das teses de Humboldt (6). Porém — e êste é o grande mérito linguístico deste século — a filologia conquistou seus métodos críticos: com edições críticas apresentou textos seguros e elaborou uma sólida regulamentação das evoluções fonéticas e morfológicas. A necessidade de segurança foi a base das leis fonéticas. O objetivo ideal era introduzir a exatidão das ciências da natureza na história da língua. As leis fonéticas foram abonadas pelas leis da natureza. Hoje em dia toda a gente ataca os Neogramáticos e o Positivismo do século XIX. É certo que perdemos grande parte de nossa fé nas regras, mas para poder esmorecer nossa fé nelas, era necessário criar primeiro as regras. Temos que ser gratos ao século XIX porque criou uma sólida base formal. Somente esta nos deu a possibilidade de, construindo sobre ela, voltarmos nossa atenção a problemas mais interessantes — e, não em último lugar, às relações entre história da língua e história da cultura. Demonstrou-se

---

(6) Humboldt já havia antecipado várias teses de Saussure, "mas a evolução da linguística no século XIX não continuou por êste caminho". W. von Wartburg, *Einführung in Problematik und Methodik der Sprachwissenschaft*, (2)1962, pág. 10.

que as leis fonéticas eram demasiado rígidas: hoje falamos de mudança fonética e não de lei fonética. Viu-se que a realidade lingüística era muito mais complexa. Fêz-se a distinção entre história da natureza e história do espírito. Um grande número de aspectos novos ampliou por volta de 1900 o horizonte da lingüística: os atlas lingüísticos levaram a uma investigação sistemática dos **dialetos**, levaram à iniciação da **geografia lingüística**, e colocaram os lingüistas em contacto com as **coisas**. O explorador de um atlas lingüístico tinha que perguntar pelas coisas e por suas denominações. Entrou em contacto com a vida diária. A ciência das denominações, a **onomasiologia**, construiu-se paralelamente à ciência dos significados, a **semasiologia**. A ênfase da investigação transferiu-se do som, da fonética, para a palavra, a lexicologia; e com isto, da forma para o conteúdo. Com Saussure encarou-se a língua como um sistema de expressão, como **sistema**, no qual todo elemento condiciona os elementos que o cercam. Se na morfologia o sistema era tão claro que já no século XIX não pôde passar despercebido, descobriam-se agora sistemas ou estruturas no campo do vocabulário e, finalmente, — com a ajuda da **fonologia** — no campo dos próprios sons, que, como unidades estruturais, transformaram-se em fonemas. A época de 1890 a 1910 — com Gilliéron e Saussure, com o início dos atlas lingüísticos, da geografia lingüística, da investigação de palavras e coisas, da semasiologia e da onomasiologia, da lingüística sincrônico-estruturalista — significou uma época de revolução lingüística. O estruturalismo, que se foi desenvolvendo progressivamente na década de trinta, não é, no fundo, senão uma de suas conseqüências. A nova filologia idealista, dirigida por Vossler, rebelou-se na década de vinte contra a “insípida” (*geistlos*) ciência do século XIX, que não ia além da letra, e pretendeu conceber novamente a história da língua como história do espírito. Em seu entusiasmo foi muitas vezes muito pouco prudente. Hoje em dia é tarefa fácil demonstrar a Vossler que a origem do artigo partitivo em francês dificilmente pode relacionar-se com o espírito bufarinheiro da pequena burguesia, que vai surgindo nos séculos XIII e XIV. Os exemplos da nova escola idealista eram quase sempre problemáticos, mas o princípio de querer descobrir por detrás da história da língua os impulsos histórico-culturais que a determinam, converteu-se atualmente num dos móveis centrais da investigação lingüística. O próprio estruturalismo assemântico terá que reconhecer, com o tempo, que não somente a forma, mas também o conteúdo, relacionado com a forma, integram a totalidade da língua. História da língua significa hoje

em dia, como postularam Wartburg e Amado Alonso — ambos em 1939, mas ambos independentemente um do outro! — mudança de um sistema lingüístico muito complexo, significa mudança estrutural; e, como por detrás da língua está o homem, como ser físico e psíquico, há que encarar-se esta mudança estrutural como dependente do homem. Com isso, porém, a história da língua se converte em história da cultura. A história da língua passa a ser uma ciência auxiliar da história, e com isto fica emoldurada pela história do homem, a qual o abrange inteiramente.

Com isto voltamos a Guilherme de Humboldt, mas possuímos agora um nôvo e mais eficaz equipamento, que devemos, em seus elementos, ao tão vituperado século XIX. Nós, os filólogos, temos que ocupar-nos novamente com todos os campos da atividade humana, pôsto que a língua alcança todos os domínios. Como dizia a Enciclopédia? Que a filologia era uma espécie de ciência que se compõe de gramática, poética, antigüidades, história, filosofia, às vêzes inclusive matemáticas, medicina e jurisprudência, sem investigar êstes campos a fundo. Esta definição torna hoje a ser exata. É verdade que nem a medicina, nem a jurisprudência, etc., ocupam hoje o centro de nossa investigação, mas a lingüística pode levar-nos a qualquer dêstes domínios.

Depois desta breve delimitação histórica surge necessariamente a questão de como conceber as relações entre história da língua e história da cultura. Como é, na prática, a relação entre a história da língua e a história da cultura? Encontramo-nos com isto diante de uma tarefa muito mais difícil, e um curso completo seria apenas suficiente para patentear a abundância de seus aspectos. Vamos fazer uma excursão através da gramática, desde a fonética até a sintaxe e a lexicologia, com uns poucos exemplos ilustrativos. Começemos pela fonética.

Na gramática histórica do século XIX não se percebe nada do aspecto histórico-cultural. A famosa gramática românica de Meyer-Lübke de 1890, por exemplo, está construída da seguinte forma:

## 1.<sup>a</sup> Parte: As Vogais

### A. Vogais tônicas

1.º capítulo : A vogal i

- a) o i se conserva
- b) modificações espontâneas
- c) modificações condicionadas
- d) pormenores ;

2.º capítulo : A vogal u

- a) o u se conserva
  - b) modificações espontâneas
  - c) modificações condicionadas
  - d) pormenores
- etc.

Meyer-Lübke leva em consideração somente o aspecto fonético: a posição inicial, medial, antes de consoante, depois de consoante, tônica, átona, etc. As forças históricas que contribuíram não entram em discussão. (De maneira semelhante começou a fonologia em 1928 a investigar a estrutura lingüística; mas de uns 15 anos para cá está em via de superar o acanhamento deste ponto de vista). Algo totalmente diferente fazem Menendez Pidal em suas famosas **Orígens del Español** de 1926, ou Wartburg em sua **Evolution et Structure de la Langue Française** de 1934, ou em sua **Ausgliederung der romanischen Sprachräume** de 1936 (?1950). Um exemplo de Menendez Pidal: sabe-se que a evolução do lat. *f-*, que deu em espanhol *h-* (*fabulari* > *hablar*), é uma das peculiaridades mais características que distinguem o espanhol do catalão e do português. Originariamente quase toda a península pronunciou somente *f-*. O *h-* em lugar do *f-* era uma característica vulgar de uma pequena zona de Castilla la Vieja ao norte de Burgos. Este rincão, porém, havia de desempenhar um papel decisivo na história da Espanha. Aqui teve a Reconquista seu ponto de partida. A partir daqui foi reconquistada quase toda a península durante os séculos XI a XIII. E com a Reconquista foi levada até o Sul a evolução contábrica, originariamente vulgar, e finalmente foi aceita pela língua escrita. Unem-se a isto uma série de aspectos de tipo histórico-cultural: a extensão da evolução fonética, isto é, o aspecto geográfico-lingüístico está condicionado historicamente pela história do país. A evolução do caráter dialetal até a língua escrita leva a problemas de tipo social e político; igualmente a extensão do *h-*, já aceita pela língua escrita, aos territórios vizinhos de Aragão e Leão, que mantiveram durante muito tempo, e mantêm,

em parte, ainda hoje, o **f**. Mas também o aparecimento do **h**-inclusive na velha zona originária cántabra põe-nos diante de problemas de tipo histórico. É hoje um fato admitido pela maioria dos romanistas, que a população pré-romana, que nesta zona montanhosa do norte se defendeu durante longo tempo da tutela romana — o último remanescente é constituído pelos bascos, até hoje não romanizados —, originou a passagem **f > h** simplesmente pelo fato de que em sua própria língua não conheciam o **f**-e não sabiam pronunciar o **f** latino, do mesmo modo que os bascos, os quais, nos empréstimos latinos, ou omitiam simplesmente o **f**- ou o transformavam em **b**- (lat. *faba* > basc. *aba* e *baba*). Assim, pois, as tribos pré-romanas, desde a Cantábria até a Gasconha, tomaram foneticamente um dos dois caminhos (perda da aspirada, ou oclusiva). Todo aquêle que estuda um idioma estrangeiro sabe que é muito mais difícil pronunciar corretamente um som nôvo do que aprender uma palavra nova. Seria insensato querer negar influências de substrato justamente na fonética. Assim já esta evolução fonética **f > h** nos leva a uma série de problemas de tipo histórico-cultural. Diante de problemas semelhantes nos coloca a perda de **n**- e **-l**- em português (lat. *volare* > port. *voar*; lat. *sonare* > port. *soar*), ou a evolução das vogais tônicas em francês (lat. *manu* > fr. *main*; lat. *pedem* > fr. *piéd*; lat. *tela* > fr. *toile*; lat. *novem* fr. ant. *neuf* fr. *neuf*; lat. *florem* > fr. ant. *flour* > fr. *fleur*). Na bôca dos germanos, ao norte do Loire, modificou-se a língua românica de tal maneira que o francês — se prescindirmos do romeno, que esteve exposto, de modo semelhante, à influência eslava — converteu-se na mais anti-românica das línguas românicas.

Mas os aspectos de tipo histórico-cultural estão também relacionados com processos fonéticos de tipo lingüístico interno. Assim, por exemplo, na conhecida passagem de **-r-** a **-s-**, que se encontra freqüentemente testemunhada no parisiense popular do século XVI. **Mon mazi est à Pazi** por **mon mari est à Paris**, ou **Jeru Masia** por **Jésus Maria** eram consideradas, por outro lado, pelas camadas conservadoras cultas como tão vulgares, que justamente as camadas da população média, que por preço algum querem ser consideradas como vulgares, esforçaram-se especialmente por evitar êste modo de falar, pois a pronúncia **-s-** era considerada característica das “**comadres de Paris**” e, com elas, de “**quelques hommes peu dignes de ce nom**”, como escreveu um contemporâneo. Entretanto, até que ponto a formação destas classes médias era problemática mostra-se, precisamente, no fato de que passaram a evitar ês-



se **-s-** também em palavras onde sempre se havia pronunciado como **-s-**: diziam também **la rairon** por **la raison** (port. a razão), **le courin** por **le cousin** (port. o primo), **la sairon** por **la saison** (port. a estação), inclusive **oreille** em vez de **oseille** (port. as azedas). O erro nasceu justamente do desejo de não cometer erros. A isto chamamos uma forma hipercorreta. Formas hipercorretas como **rairon** permaneceram como equívocos isolados, mas a existência de **chaire** “cátedra” ao lado de **chaise** “cadeira” com formas procedentes de **cathedra** é ainda hoje testemunho da mudança fonética abafada em embrião desde o nascer: **chaire** “cátedra” reflete a pronúncia culta, **chaise** “cadeira” reflete a pronúncia popular. A distribuição semântica reflete uma velha diferenciação sociológica. Também em **besicles**, do lat. **beryllus**, ficou conservada a passagem de **-r-** a **-s-**. Tanto a forma correta como o retrocesso hipercorreto formam um fragmento de história social (7).

Com **chaire/chaise** tocamos o problema das formas divergentes, as quais, embora em sentidos distintos, estão tôdas relacionadas com aspectos de tipo histórico-cultural; assim, por exemplo, as formas justapostas de **rançon** “resgate” e **rédemption** “redenção”, ambas procedentes do lat. **redemptio**: a palavra **rançon** tem um significado bem concreto e próximo da vida, o empréstimo **rédemption** leva ao complexo problema da terminologia eclesiástica. Algo totalmente diferente ocorre nas formas justapostas do francês escrito **verge** “fêrula” e **vergue** “vêrga”, ambas do lat. **virga**. A significação marítima de **vergue** chegou, justamente com a forma dialetal, procedente da Normandia até Paris, e aqui ficou definitivamente assentada no século XVI. O francês escrito de Paris levou a forma marítima destas duas gêmeas bem longe, à Itália e Espanha (it., cat., esp., port. **vêrga**, FEW 14, 499 b). **Vergue** junto a **verge** é um dos inúmeros exemplos que poderiam demonstrar até que ponto os dialetos enriqueceram a língua literária, inclusive na centralizada França (8). Se abirmos novamente o **Ménage**

---

(7) A propósito disto, veja-se Charles Thurot — *De la prononciation française depuis le commencement du XVIIe siècle d'après les témoignages des grammairiens* 2, 1883, pág. 271 e ss.; Théodore Rosset — *Les origines de la prononciation moderne étudiées au XVIIe siècle d'après les remarques des grammairiens et des textes en patois de la banlieue parisienne*, Paris, 1911, 1911, pág. 295 e ss.

(8) Vejam-se meus artigos “Contribution à une histoire des provincialismes dans la langue française”, in *Revue de Linguistique Romane* 21 (1957), págs. 62-92, e “Der neue Bloch-Wartburg”, in *Zeitschrift für Romanische Philologie* 77 (1961) especialmente págs. 88 e ss.

(21750) ficará claro o quão pouco se levou em consideração a evolução fonética dialetal antes do século XIX. Neste livro fala Le Duchat de uma casa perto de La Rochelle, chamada **Quoue de Vache**, interpretando o nome como **coups de vague!** (golpes de onda), porque junto à casa corre um pequeno canal! **Quoue**, naturalmente, não é na realidade senão a forma dialetal de **queue** lat. **cauda**, testemunhada ainda hoje em todo o Ocidente da França. Assim, pois, a casa não se chama **golpes de onda**, mas **rabo de vaca**.

Outras evoluções fonéticas acham-se ligadas à história da cultura por aspectos folclóricos, por mudanças de sentido e de forma devidas a etimologias populares; assim, por exemplo, em alguns nomes de plantas, entre os quais a imaginação popular é especialmente prolífica. A tussilagem (planta também chamada unha-de-cavalo) recebe em francês o nome de **tussilage**, mas as denominações populares assemelham-se a um jôgo vivo, que começa com **pas de cheval**, conservando a imagem através de denominações como **pied de cheval**, **patte à cheval**, **pied de poulain**, afastando-se consideravelmente em outras como **pa<sup>s</sup> d'âne**, **pied d'âne**, e terminando por **pain d'âne** (FEW 7,738 b). Nesta cadeia, que começa por um pé de cavalo e termina por um pão de asno, têm que falhar totalmente os critérios que se apóiam em leis fonéticas. Mas também, a fantasia e o gôsto pelo jôgo são atributos humanos e, portanto, impulsos histórico-culturais e histórico-lingüístico. Também a pilhéria consciente joga com os sons. Quando a gralha, lat. **gajus**, passa em francês a **geai**, tudo permanece dentro das normas estabelecidas; quando, porém, em alguns dialetos êste **geai** se transforma em **j'ai** "eu tenho", denominando-se então a gralha de **je n'ai pas** (dialetal **hèpa**), encontramos diante de um trocadilho bastante ousado (FEW 4, 22 a).

A morfologia é a parte mais estruturada e conservadora da gramática, e poder-se-ia pensar que, pelo menos aqui, nada tem a fazer a história da cultura; entretanto, não há dúvida que também a morfologia tem seus aspectos histórico-culturais: em primeiro lugar, pelo fato de alguns elementos morfológicos serem tomados de línguas de substrato ou superstrato, como, por exemplo, a declinação do fr. ant. em **-ain** (**Bertain**, **antain**, **putain**, etc.) e em **-on** (**Hugon**, **baron**), que, tomadas do germânico, estenderam-se a palavras românicas. Exemplos muito interessantes dêste tipo no-los oferece o reto-romance, quarta língua oficialmente admitida

na Suíça (desde 1938) falada nos Grisões, cantão dos Alpes. No obváldico as formas do futuro são:

**jeu vegnel a clamar** (chamarei" (literalmente: eu venho a chamar)

**ti vegns a clamar** "chamarás",  
e do passivo:

**jeu vegnel clamaus** "sou chamado" (liter. eu venho chamado)

**ti vegns clamaus** "és chamado".

Esta é exatamente a construção do alemão, que utiliza o verbo **werden** para o futuro e a voz passiva: **ich werde rufen, ich werde gerufen**. Embora também no italiano se dê a forma **la porta viene chiusa** (êste fato explica sòmente a opção do verbo **venire!**), o emprêgo do mesmo verbo para o passivo e o futuro chama a atenção, e só tem um paralelo na vizinha zona lingüística alemã.

Mas, além de tais casos de empréstimo, a evolução de todo o sistema morfológico acha-se ligada a fatores histórico-culturais. Pois também êste sistema constitui uma parte, embora uma parte relativamente estável, da totalidade do sistema lingüístico, cujas alterações não se podem explicar sem levar em consideração as fôrças histórico-culturais. Dentro dêste quadro de conjunto deve colocar-se, por exemplo, o pronome pessoal, cujo emprêgo se tornou obrigatório e que hoje adquiriu em francês a função da morfema flexional:  $\overset{v}{z} \overset{v}{e} \overset{v}{s} \overset{v}{\grave{a}} t$  (je chante),  $\overset{v}{t} \overset{v}{\ddot{u}} \overset{v}{s} \overset{v}{\grave{a}} t$  (tu hantes),  $\overset{v}{i} \overset{v}{l} \overset{v}{s} \overset{v}{\grave{a}} t$  (il chante), etc. — **nous chantons** e **vous chantez** são pleonasmos, visto que a função flexional é desempenhada pelo pronome e pela terminação. E esta mudança estrutural também depende de fatores histórico-culturais. O alemão conhece o mesmo sistema com pronome pessoal obrigatório: **ich singe, du singst, etc.** Pois bem, Heinrich Kuen demonstrou (9) que na Idade Média o pronome sujeito era obrigatório dentro da Europa sòmente nos idiomas germânicos ocidentais e nórdicos. Nas línguas ro-

---

(9) Heinrich Kuen — "Die Gewohnheit der mehrfachen Bezeichnung des Subjekts in der Romania und die Gründe ihres Aufkommens", in *Syntactica und Stilistica*, Homenagem a Ernst Gamillscheg em seu 70.º aniversário, 28 de outubro de 1957, Tübingen, 1957, págs. 293-326.

mânicas, só o francês, os dialetos reto-romances dos Grisões e do Sul do Tirol, e alguns dialetos do Norte da Itália apresentam o uso obrigatório do pronome pessoal. Assim, pois a situação geográfica torna muito verossímil que o sistema germânico tenha sido adotado pelas línguas românicas limítrofes. A tese anterior de que no francês a exigência do pronome obrigatório era consequência do emudecimento das terminações verbais, perdeu, com isto, a sua validade (a generalização do pronome teve lugar, como tendência, muito antes de ter emudecido o -s final).

Algo semelhante acontece na formação dos sufixos e prefixos e na sintaxe. Se no francês perdura um sufixo **-ard**, muito empregado para a formação de adjetivos pejorativos (**couard** "covarde", **salopard** "porco", **vieillard**, **bâtard**, **richard**, etc.) ou o paralelo (embora menos freqüente) **-aud**, isto se deve à simbiose germânico-românica dos séculos VI e IX. Os galo-romanos gostavam dos antropônimos germânicos, — nos séculos VIII e IX a maior parte dos romanos das Gálias tem nome germânico —, e dêles se desprenderamos sufixos **ard** e **aud** já em época anterior ao fr. ant. Não somente a origem, mas também o término e a evolução de um sufixo e de suas funções são algo mais do que fenômenos gramaticais internos. Precisamente a investigação dos últimos anos mostra, cada vez com maior clareza, que a função de sufixo se forma em tórno de palavras-guias (**leader-words**, segundo a terminologia de Malkiel). Toma-se uma palavra por modelo, e o papel desta palavra na situação histórica e social da época é de importância decisiva (no sufixo **aud**, por ex., o fr. ant. **ribaudo** servia de modelo para outros derivados em **-aud**). A morfologia histórica de Meyer-Lübke, de 1922, está atualmente tão necessitada de revisão, justamente porque não leva em conta êstes aspectos funcionais e histórico-culturais, mostrando por isso, muitas coisas numa perspectiva falsa.

Os aspectos histórico-culturais são porém muito mais difíceis de captar corretamente e de maneira científica na *s i n t a x e* do que na morfologia. Depende isto em última análise do fato de que a sintaxe é a parte mais estritamente ligada à estilística, e que, por isto, conservou uma liberdade relativamente grande. Novamente o reto-romance pode documentar-nos de maneira inequívoca que também no domínio da sintaxe penetram influências estranhas e, portanto, cultural e histó-

ricamente condicionadas. De uma narração de Caspar Muoth extraio duas frases curtas (10):

1) "Schon dapi quater onns havein nus buca pli sa'tau".  
Alemão: "Schon seit vier Jahren haben wir nicht mehr getanzt".  
Literalmente: "Já desde [faz] quatro anos temos nós não mais dançado".

(= "Já faz quatro anos que não temos dançado mais.").

2) "Ulteriuramein stat ei cun nossa cassa buca mal".  
Alemão: "Übrigens steht es mit unserer Kasse nicht schlecht".  
Literalmente: "Quando ao resto (vai) com nossa caixa não mal".

(= Quanto ao resto, nossa caixa não vai mal").

No português, pois, temos que mudar totalmente a estrutura da frase nos dois exemplos. Mas se traduzirmos literalmente a mesma frase para o alemão, resulta absolutamente correta! Trata-se de um pensamento expresso em alemão com elementos românicos!

O obváldico (= sobressélvico) oferece-nos, além dos da ordem de palavras, outros exemplos claríssimos. Assim, em obváldico diz-se:

Il bun bab (der gute Vater) "o bom pai".

Il bab ei buns (der Vater ist gut) "o pai é bom";

distingue, pois, entre um adjetivo empregado em função atributiva ou em função predicativa (confronte-se ao contrário, o francês *le bon père, le père est bon*, ou o português *o bom pai, o pai é bom* (11)). Esta diferença é, sem dúvida, tomada do alemão (*der gute Vater, der Vater ist gut*), isto é, a antiga oposição nominativo *buns*/acusativo *bun* assumiu, sob a influência do alemão, uma nova função totalmente distinta. Ainda um exemplo: o obváldico, como faz também o alemão, emprega o subjuntivo como o modo do estilo indireto, emprêgo êste que nos idiomas românicos não se conhece em nenhum outro caso.

---

(10) *Ovras da Giachen Caspar Muoth*, II Part (Oeil Tschespet 12avel Cudischet), Glicon, 1932, pág. 3 (as duas passagens).

(11) No espanhol a diferenciação entre 'el *buen* padre' e 'el padre es *bueno*' é de outra índole (compare-se 'la *buena* madr' e 'la madre es *buen*').

Justamente partindo do reto-romance como caso típico, parecerá totalmente incompreensível um ceticismo exagerado com relação às influências de substrato na sintaxe.

Aspectos histórico-culturais ocorrem também na sintaxe interna do idioma. Vossler, embora com certas reservas, parece ter relacionado o emprêgo do indicativo depois dos verbos que exprimem ordem, desde o século XVII, com o absolutismo de Luís XIV. Em outras palavras: visto que o estado que governa de maneira absoluta não permite que se contradigam suas ordens, numa ordem só pode aparecer o indicativo como modo da realidade: **nous ordonnons que vous ferez...** “ordenamos que fareis”. Investiguei êste caso muito pormenorizadamente (12). A partir do século XIII, depois dêstes verbos costumam aparecer tanto o indicativo como o subjuntivo. Pouco a pouco, porém, vai predominando o uso do indicativo (depois de **ordonner** — século XIII, 6 subj.: 9 fut.; século XIV, 65 : 80; século XV, 37 : 73; século XVI, 5 : 16; século XVII, 3 : 18), se é que a tese de Vossler pode chegar a ser defendida, será, pois, sòmente no sentido de que a centralização que se vai impondo progressivamente na França desde o século XIII apoiou o emprêgo do indicativo, transformando-o, finalmente, no modo único. Não me atreveria, porém, a defender esta tese, nem sequer sob esta formulação modificada. Por outro lado, pode-se demonstrar, justamente com êste exemplo, a existência de um componente histórico-cultural seguro: na linguagem das chancelarias do gascão antigo, o traçado da curva indicativo-subjuntivo, depois dos verbos de ordem, é completamente diferente: a regra aqui é o subjuntivo aproximadamente até 1450, mas desde 1500 aproximadamente é substituído quase totalmente pelo indicativo (século XIV, 28 subj.: 1 fut.; séc. XV, 128 : 33 fut. — todos, porém, posteriormente a 1450! —; 1500-1528, 15 subj.: 201 fut.). Esta mudança repentina do subjuntivo ao indicativo no curto espaço de tempo que vai de 1450 a 1520, só pode ser explicado a partir da situação histórica concreta. A Gasconha estêve, de 1151 até 1450, sob o domínio inglês. Em 1451 foi reconquistada pelos franceses. Por isto a chancelaria de Paris serviu de modêlo aos notários gascões. Na chancelaria de

---

(12) “Der Modus nach den Verben der behördlichen Willensäußerung in der französischen und gaskognischen Urkundensprache”, in *Syntactica und Stilistica*, Homenagem a Ernst Gamillscheg em seu 70.º aniversário, 28 de outubro de 1957, Tübingen, 1957, págs. 43-69.

Paris, no século XV, era mais corrente o emprêgo do indicativo do que o do subjuntivo (numa proporção de três para dois aproximadamente). Mas os notários e escrivães gascões sentiam o indicativo como algo nôvo, o subjuntivo como algo próprio; em seu desejo de imitar os parisienses, tornaram-se mais parisienses do que os de Paris, e estabeleceram o indicativo como norma muito antes que êstes! Desta forma, até um tema gramatical tão árido como é o modo que pedem os verbos de ordem, permite-nos ver algo da atitude humana numa situação histórica determinada.

Deixemos a sintaxe e voltemos nossa atenção ao último campo, o do vocabulário. Aqui os exemplos se sucedem em tal quantidade, que uma seleção é particularmente dolorosa. Negar na lexicologia influências de tipo histórico-cultural se tornaria difícil até mesmo para o mais ferrenho inimigo de uma interpretação histórico-cultural da história da língua.

Com os Francos, penetrou na Galo-România uma avalanche de palavras germânicas, as quais se uniram ao vocabulário românico, formando uma simbiose, extraordinariamente interessante em cada caso. Até mesmo em palavras românticas compostas como *amont* < *ad montem*, e *aval* < *ad vallem*, oculta-se o pensamento germânico (em alemão *bergauf*, *bergab*), conforme demonstrou Lucien Foulet. Através de tôdas as épocas pode-se seguir facilmente no vocabulário o aspecto histórico-cultural. Com a Revolução Francesa desapareceram terminologias completas, e surgiram outras novas. Se quiséssemos compreender realmente esta evolução, teríamos que distinguir tôda uma série de aspectos histórico-culturais. Só posso salientar uns poucos. A história de palavras e coisas não é, de modo algum, em sua essência, uma descoberta do século XX. Está subjacente em tôdas as etimologias populares. Se interpretarmos o *cordonnier* (sapateiro) como "celui qui *donne des cors aux pieds*" (aquêle que dá calos aos pés), isto não é, no fim das contas, senão um gracejo determinado pela própria coisa e que, além disso, não foi criado por Gilliéron, mas sim já por Voiture no século XVII (veja-se *Ménage* 1696). Com tôda a seriedade Caseneuve, no século XVIII, faz derivar o francês *honte* (vergonha) do alemão *Hund* (cão), e isto pelo fato de que na Idade Média os malfeitores, segundo Caseneuve, eram condenados a carregar um cachorro às costas. É bem compreensível que sentissem vergonha por isso! Le Duchat, no século XVIII, faz derivar o francês *rosse* (ca-

valo ruim), e com razão desta vez, do alemão **Ross**: mas que **signifique** “cavalo ruim” porque o primeiro alemão que vendeu um cavalo a um francês o enganou passando-lhe um ruim, é uma explicação bastante fantasiosa. E **quille** “bola” derivaria, conforme opina Ménage em 1694, do lat. **squilla** “sino”, porque as bolas se assemelham a sinos. É evidente que não é possível alicerçar sôbre tamanha superficialidade a história das coisas. Um exemplo da moderna pesquisa de palavras e coisas no-lo oferece, por exemplo, Walter Brinkmann em seu conhecido livro sôbre a apicultura (13). Se a colmeia recebe em francês o nome de **ruche**, a derivação do gál. \***rusca** “cortiça” se compreende pelo fato de que originariamente as colmeias eram feitas de casca de árvore. Os germanos substituíram a colmeia de cortiça de árvore pela de palha; substituíram a coisa, mas a palavra permaneceu e foi imlemente transferida ao objeto nôvo. Isto é confirmado pelo fato de que o Sul da França, que não foi colonizado pelos Francos, permaneceu até hoje fiel não só à palavra, como também à coisa: a colmeia de casca de árvore.

O aspecto histórico-cultural dos empréstimos é demasiado patente para que seja preciso insistir muito sôbre êle. Por intermédio dos empréstimos árabes nas línguas européias pode-se perceber tôda a história da influência árabe na cultura e na ciência, desde o **açúcar** até o **álcool**, desde a **química** à **alquimia** e à **álgebra**. Entretanto, ainda está quase sem ser investigada a mudança de matiz nos empréstimos. É curioso que o espanhol **hablar** tenha passado a significar em francês vangloriar-se (fr. **hâbler**), e que, inversamente, o francês **parler** tenha passado no espanhol a **parlar** (port. **palrar**), com o sentido de falar muito e sem substância. O português **palavra** passa, dando uma volta pelas colônias e a Inglaterra, ao alemão **Palaver**, com um matiz afetivo (quantidade de palavras sem dizer muito). E o espanhol **bisutería**, do francês **bijouterie**, não é sinônimo objetivo de joalheria, e sim um lugar onde se vendem colares, etc. baratos, pelo menos em Pôrto Rico (indicação de meu amigo José Echeverría). Por outro lado, os empréstimos podem ter, pelo contrário, uma função eufemística, outro aspecto histórico-cultural ainda não estudado sistematicamente. Assim, no espanhol, **toilet**, tomado do francês e **water**, tomado do inglês, são meros eufemismos (indicação

---

(13) Walter Brinkmann — “Bienenstock und Bienenstand in den romanischen Ländern”, in *Hamburger Studien zu Volkstum und Kultur der Romanen* 30. 1938.



de J. Echeverría, Pôrto Rico). Nas traduções de empréstimos as etimologias populares levam a idéias curiosas, como, por exemplo, quando em algumas regiões da Alemanha se chama às travessas do caixilho de janela de **Mönch** "monje". A palavra alemã é empréstimo do francês **moineau** "travessas da janela". Mas não provém, como **moineau** "pardal", do lat. **monachus** "frade", e sim de **medianus** + **ellus**, e, portanto, significa propriamente viga central, pelo que se explica facilmente a significação de travessas da janela. A coincidência formal dos derivados de **medianus** e **monachus** motivou uma troca na interpretação e, com isto, uma tradução equivocada do empréstimo.

Até nomes próprios, ao passarem a outra língua, podem sofrer uma interpretação etimológico-popular. Num estudo publicado recentemente o romancista de Munich, Hans Reinfelder, fornece uns exemplos muito expressivos. No Palatinado, o sobrenome francês **Rauchalles** pronuncia-se em alemão **Rauch-alles** (fumador de tudo!). Tinham-se acostumado a isto de tal maneira que o sentido cômico acabou por perder-se. Em alemão o sobrenome **Sautier** transforma-se em **Sautier!** (decomposição em **Sau** "porco" e **Tier** "animal"), e **Gautier!** (**Gau** "distrito") (14).

As etimologias populares são conceitos motivados, e por isso mesmo podem dar lugar a realidades folclóricas. No alto-Maine, e somente ali, a salamandra é considerada mortífera. A inócua salamandra, isto é, a realidade, de maneira alguma dá margem a semelhante reputação. Em verdade não se trata de uma realidade exterior, mas sim puramente lingüística. É que a salamandra nesta região se chama **mouron**, propriamente "o pretinho" < **maurus**, porque a salamandra é preta com pintas amarelas. Visto que os camponeses não se ocuparam com estudos etimológicos, entendem **mouron** de maneira diferente, isto é, como derivado de **mourir**. Eis como nasceu a superstição da salamandra animal mortífero. Para isso, existe uma espécie de **psicologia lingüística dos animais**, que não tem sua origem na realidade, e sim na linguagem.

Quero terminar com dois exemplos particularmente instrutivos, que mostram de que maneira repercutiu a descoberta da América na história da língua francesa.

---

(14) Hans Reinfelder — *Der übersetzte Eigennamen*. Philologische Erwägungen zu Matth. 16, 18, München, 1963, 27 págs. (especialmente pág. 6) (Edição privada).

O primeira exemplo refere-se ao destino que teve o deus romano do fogo, **Vulcanus**. Já os romanos designavam as ilhas eólicas, ou Lipari, com o nome de **Vulcani insulae**, por causa de seus vulcões. Na Idade Média continua-se designando com a palavra **vulcanus** os vulcões das ilhas Lipari, mas também o Etna. Entretanto, a evolução até chegar ao nome comum ficou parada aqui, porque mal se conheciam outros vulcões. Isto mudou de repente quando, com a descoberta da América, se encontrou um grande número de novas crateras, especialmente no México. Os **espanhóis** designaram estes vulcões com o nome próprio **Volcán**, conhecido na Itália, somente eles consumaram a passagem definitiva do nome próprio ao nome comum; da América o espanhol **volcán** regressou à Europa, como palavra da lingua comum: fr. **vulcan** 1575-1640, **volcan** desde 1598. Tôda uma série de pesquisas parciais (15) descobriu este caminho de ida e volta ao México do velho deus romano. A etapa decisiva não ocorreu no italiano, e sim no espanhol.

Mais curioso ainda é o destino do fr. **haricot** “feijão”. **Ménage** — novamente nossa lembrança se dirige, no final deste ensaio, a nosso primeiro pai das etimologias — conseguiu derivar **haricot** do latim **faba**:

*faba, fabarius, fabaricus, fabaricotus, faricotus; haricot; par le changement ordinaire de J'F en H: comme en hors, de foris; en habler, de fabulari, etc. (Mén. 1964).*

A derivação é tão bonita que não podemos deixar de lamentar que a única coisa que de exato existe nela sejam as vírgulas. O latim **faba** deu em francês **fève**, e não **haricot**. Mas **Ménage** não precisa envergonhar-se. Apenas 40 anos atrás os nossos mais conhecidos etimólogos também não se encontravam em situação muito melhor. O próprio Wartburg, ao escrever seu primeiro tomo do Dicionário Etimológico Francês, do FEW (1922-1978), encontrava-se ainda à beira do precipício. Fazia derivar **haricot** do mexicano **ayacotli** “feijão”. Mas esta etimologia também não pode ser defendida, por razões fonéticas. Além disso, o espanhol, que deveria ter sido o intermediário, não conhece a palavra. A realidade é mais complexa, como provou o próprio Wartburg quarenta anos mais tarde. É mais complexa, mas também mais interessante, mais instrutiva. Alguns estarão lembrados das ousadas etimologias

---

(15) FEW 14, 640 e as referências bibliográficas ali citadas.

de Ménage. Se esta é correta, di-lo-á o futuro. Está de acôrdo com o estado atual da pesquisa. Ainda hoje muita coisa — apesar de seus sólidos fundamentos — é aceita como hipótese. É verdade que o feijão, que designamos com o nome de **haricot**, foi realmente importado do nôvo mundo. Mas o nome **haricot** tem uma pré-história autóctone, que leva, em última instância, a uma palavra germânica, **hariôn** “deteriorar-se” (cfr. em alemão **verheeren**, antigo alto alemão **firherion** “deteriorar pela guerra”). Em última análise, deriva, pois, do alemão **Heer** “exército”. Mas como chegar do exército germânico ao feijão mexicano? Partindo do verbo germânico chegamos facilmente ao francês antigo **harigoter** “despedaçar”. De **harigoter** formou-se no francês médio um derivado **haricot**. Este derivado designa uma espécie de guisado de cordeiro. E esta denominação se explica pelo fato de que a carne é cortada em pedaços. As verduras desempenham um papel importante neste guisado, e especialmente o feijão. Já estamos muito mais perto! Voltemos aos feijões! Já desde a antigüidade eram conhecidas várias espécies de leguminosas, como o lat. **faba** (francês **fève**, espanhol **haba**, português **fava**), especialmente empregada como alimento de gente de baixa condição e dos porcos; o lat. **phaseolus**, que perdura no Sudeste da França, mas especialmente no italiano **fagiolo**, português **feijão** (como foi cultivado nas hortas dos conventos alemães, existem também as formas do antigo alto alemão e do médio alto alemão **fasöl**, bávaro **fisolen**). Este tipo de legume era mais delicado do que a fava, e muito menos cultivado. Há que acrescentar-se, ainda, o lat. **pisum** “ervilha” (fr. **pois**), que era freqüentemente considerado como feijão; esta é a razão pela qual o francês designa as ervilhas como **petits pois**, porque **pois** queria dizer, em muitos lugares, “feijão”. Este era o estado da questão quando, no século XVI, chegou das colônias à Europa a nova planta de cultivo. Como, então, denominaram os europeus, especialmente os franceses, a esta nova planta? É lógico que recebesse um nome já conhecido para outras plantas semelhantes. Encontramos assim:

1561 **fasiol de Turquie**, isto é, **phaseolus** com o sup'emento da origem estrangeira. As designações do país de origem são com freqüência muito vagas e fantasiosas. Com segurança o povo sabe somente que a planta vem de longe. Ainda 1614 **pois d'Inde**, basco **indlaba** (India + **faba**) Junto a **pisum** e **phaseolus** encontramos **faba** também em francês para denominar o nôvo feijão:

1642 *fève de haricot* junto a *pois d'haricot* (1701), isto é, "feijões de guisado", quer dizer, feijões finos para comer, que podem ser empregados para o guisado de cordeiro (*fève* era uma classe muito vasta) (16). De *fève de haricot* surgiu por fim, elípticamente, nosso *haricot*, o feijão (17).

Assim, uma única palavra nos introduz em amplas relações de tipo histórico-cultural. No vocabulário isto é tão patente que seria insensato querer negar a necessidade de uma consideração de tipo histórico-cultural. Mas a história da língua e da cultura não estão estreitamente unidas uma à outra somente neste campo da língua, e sim através de todos os aspectos desta, desde a fonética, passando pela morfologia e a formação de palavras, até a sintaxe. Pôr a descoberto este fato com uns poucos exemplos foi meu desejo. A lingüística tornou-se novamente, com isto, muito mais complexa. Tem que se haver com a **totalidade** do fenômeno histórico. Em troca, porém, libertou-se da espessa capa da erudição puramente verbal, e tornou a encontrar o homem e seu tão enigmático destino.

---

(16) Parece que esta denominação foi mudada secundariamente segundo o tipo, que já conhecemos, e que indica o país de origem, pois encontramos poucos anos depois, em 1654, *fève de callicot*, isto é, propriamente, "feijões de Calcutá" (freqüentemente se confundiam as índias orientais e ocidentais; assim também no caso do peru, oriundo das índias Ocidentais, que foi também chamado segundo a cidade de Calcutá: FEW I, 190 b n 1). Em vez de Calcutá proposto pelo FEW, não se tratará de *Kalikut*? (Veja-se o verbete *Kalikut* no mesmo FEW).

(17) Veja-se FEW 16, 164 e a bibliografia assinalada em 167.